

POR TRÁS DA CICATRIZ

ANNA CLAUDIA RAMOS

AMOSTRA



É PRECISO

Às vezes, é preciso contar uma história porque as memórias ficam mais expostas do que uma cicatriz costurada na pele.

Alguns fantasmas continuam morando dentro de nós. Acordando lembranças esquecidas. Remoendo memórias nunca apagadas.

Essa história conta o que tentaram esconder, mas o tempo, efêmero que é, não deixou que a verdade permanecesse escondida para sempre.

Um dia as feridas precisam ser curadas. O passado descortinado. A dor exposta. A dor curativa. A dor transformada em alegria libertando a própria dor.

É difícil entender certas questões que acontecem na vida de uma pessoa. Sobretudo quando a vida de uma pessoa foi nascida para não ser, como a de minha tia, a que herdei para cuidar após a morte de minha mãe.

Mal sabia eu que história estava caindo em minhas mãos. A única coisa de que eu tinha certeza era que era preciso cuidar. Da cicatriz descoberta. Da dor silenciada. E fechar a tríade: Pai, Mãe, Tia.

Uma história como essa não pode ser contada de uma hora para outra. Precisei de muitos anos para estar pronta.

Para contar essa história, é preciso desacelerar o tempo, quase pará-lo, como em alguns compassos da música que escuto, para que possa puxar o fio do passado e limpar a ferida costurada na cicatriz.

O compositor tocando uma música divina ao piano. Começo a tocar com ele, de olhos fechados. Quando vejo, estou ao lado de minha tia, naquele grande salão, naquela época passada. Estamos tocando com tanta intensidade, sem prestar atenção no entorno. Mesmo assim, posso sentir minha mãe ao nosso lado.

Sou quase capaz de escrever de olhos fechados, como quem toca um piano, tamanha a força que emana do meu interior.

Desacelero o tempo, volto lá atrás, pois, como dizia meu pai, para entender o presente é preciso conhecer o passado.

O tempo, que me persegue desde sempre, que é tema de tantas perguntas desde que eu era criança, agora se desnuda na minha frente.

É chegada a hora de conectar muitas histórias para poder contar essa história. Sei que é chegada a hora e que não posso mais ter medo de enfrentá-la.

Mas não pensem que essa é uma história biográfica. Essa história pode ser de muitos que, como eu, estão em busca de sentido para a vida, mesmo que ainda estejam perdidos.

Sei que existem pessoas em busca de respostas. Pessoas que têm a sensação de não pertencerem a um só lugar. Pessoas que um dia resolvem abrir as cicatrizes e curá-las, por dentro.

É preciso soltar os fios que costuram nossas dores mais profundas. É preciso contar o que veio antes para desfazer os nós.

INFÂNCIA

Passei a infância com uma sensação estranha. Muitas vezes, sentia que estava flutuando acima de mim mesma. Tinha muitas dores de cabeça. Meu pai e minha mãe me levaram a todos os médicos possíveis. Investigaram muito. Não encontraram nada.

Passei muito tempo convivendo com uma espécie de sonolência que não sabia explicar. Tinha a sensação de que era possível estar em dois lugares ao mesmo tempo. Como se eu pudesse estar simultaneamente na minha casa e em outros mundos.

Era para estes mundos que eu ia todas as vezes em que queria inventar histórias. Bastava fechar os olhos para me transportar com a maior facilidade. Passava horas brincando de estar em outros espaços, em outros tempos, com outras pessoas.

Sentia muita saudade de viver na fazenda, sendo que nunca tinha estado em uma. Ninguém na minha família tinha fazenda. Ninguém entendia minha saudade. Achavam que era coisa de menina inventadeira.

Sentia saudades do cavalo que eu não tinha. Então, aos seis anos, inventei um voador para que pudesse galopar pelos céus e estar nos lugares que desejava.

Aos dez, ao ler um livro que marcou minha vida, decidi ser escritora. Gostava de inventar histórias, de criar mundos, de brincar de faz-de-conta, em que eu podia ser o que quisesse.

Brincar de faz-de-conta me salvou de mim mesma. Mas eu não entendia por que tinha muita saudade de coisas que nunca tinha vivido.

Quantas vezes me senti longe e distante do momento presente, como se não pertencesse apenas ao aqui e agora. Como se existisse algo maior, mas, menina que era, não sabia explicar essas sensações.

Poder estar em mais de um lugar ao mesmo tempo consumia muita energia. Talvez por isso a tal sonolência. Não me sentia pertencendo a um só lugar. Talvez por isso a necessidade de inventar histórias.

Nunca encontrava respostas para tantas perguntas. Era apenas uma criança.

Curioso como podemos levar uma vida para entender quem somos e como funcionamos. Perdemos muito tempo querendo encaixar, agradar.

Só agora, depois de viver mais de meio século, entendo que tudo na vida nos prepara para o que vamos enfrentar. Entendo que tudo começou quando nasci. Por isso, levei tanto tempo para poder contar essa história.

Agora estou pronta; me entrego às vozes que me habitam e as liberto.

CHÃO E RAÍZES

Nasci numa família comum. Pai, Mãe, irmã, irmão e eu, a caçula. Achava minha família muito certinha. Minha alma inventadeira precisava de mais aventuras do que era possível vivenciar em casa.

Meu pai, médico, trabalhava muito. Dava plantões, trabalhava no hospital, na faculdade de medicina, no serviço de salvamento. Minha mãe, dona de casa, geria e cuidava de tudo. Administrava a família de forma que nada desandasse.

Tinha uma vida muito estruturada. Família unida e coesa. Meu pai e minha mãe foram esteio e lastro para tantos amigos na adolescência.

Nunca vi meus pais brigarem. Nunca vi um reclamando do outro. Via parceria e união. Tudo era muito conversado. Explicado. Às vezes eles fechavam a porta do quarto e eu, menina, ficava tentando imaginar o que faziam lá dentro.

Por muito tempo tentei que meu pai e minha mãe se aventurassem mais. Mal sabia eu que a história deles era outra. Mas não pense que eles não eram aventureiros. Eram, sim, mas de uma forma diferente da que eu desejava. Viajavam. Adoravam dançar e se divertir, principalmente nas noites de sábado. Amavam cinema, música, dança, teatro, literatura. E tinham sonhos.

Talvez o sonho maior tenha sido dar aos filhos uma educação diferente da que receberam. Sem culpas ou medos. Assim fizeram.

Acontece que, muitas vezes, levamos tempo para entender essas coisas. Quebramos muito a cabeça vendo a vida apenas com o nosso olhar e não ampliamos o campo de visão para ver além da nossa percepção.

E eu, menina inventadeira, que tinha sede de aventuras, queria muito mais do que me apresentavam. Minha sede de futuro era grande. Minha saudade de passado, imensa. Vivia dividida entre esses mundos. Saudades. Muitas. De outros tempos. Saudade maior ainda do que ainda estava por vir.

Mas, quando criança, não entendia nada sobre esses assuntos de passado e futuro. Só sabia que era fácil inventar histórias. Era muito simples me transportar para outros mundos ou criar mundos novos onde desejasse morar.

Engraçado pensar que passei anos querendo mais ação e agito em minha família. Agora entendo que foi exatamente essa família que me deu chão e raízes para poder voar longe e voltar.

Paradoxal pensar que o chão e as raízes me permitiram voar longe. Hoje em dia, tenho consciência de que não me perdi nestes mundos para os quais me transportava, exatamente por ter tido esse pai e essa mãe como guias.

Passei anos pensando que, por ter nascido em uma família tão estruturada, jamais poderia ser escritora. Lia escritores que haviam nascido no interior e tinham reminiscências da vida interiorana para contar. Lia biografias de escritores famosos com uma vida muito intensa, cheia de questões conturbadas; alguns tinham até se suicidado.

E eu era apenas uma menina nascida na cidade grande, bem urbana, com uma vida interior cheia de histórias, e que amava viver.

Que bom que meu pai e minha mãe souberam olhar filho e filhas com os olhos de individualidade, dando a cada um o que cada um necessitava para crescer. Seguraram minhas mãos e me deram suporte, me permitiram aprender a voar longe, mesmo que não soubessem o tamanho do meu voo interno. Mesmo que não soubessem que eu habitava outros mundos quando inventava minhas histórias.

Ter nascido nessa família me fortaleceu para ser quem sou. Para construir minha história. Mas talvez você esteja se perguntando o que tudo isso que estou contando e ainda vou contar tem a ver com a história da tia que herdei para cuidar.

É que só por conta de ser quem sou, de viver tudo o que vivi, que pude abrir a porta do passado com minha tia, de mãos dadas, e entrar num mundo criado por nós.

Algumas vezes, não é sempre, acontece um chamado para uma história. Como aconteceu com a que minha tia me contou da forma mais inusitada possível.

Ah, mas antes de seguir, preciso dizer que minhas dores de cabeça, aquelas que me perseguem desde a infância, começaram a diminuir quando comecei a escrever e publicar meus livros.

HERANÇAS

Depois da morte de minha mãe, passei meses sonhando com um passado que desconhecia. Lugares sombrios, antigos, pessoas de outros tempos. Tabernas, estradas, fazendas, brigas, cachoeiras, fogueiras. Mulheres sofrendo, morrendo. Um homem bruto. Uma escadaria. Um padre. E, no meio de tudo, minha tia.

De onde vinha tanta dor? Era só o que eu pensava.

Cenas de um passado que deixou cicatrizes, mas que não valia mais a pena ficar costurado na alma.

Muitas vezes não sabia se estava sonhando ou fazendo a mesma brincadeira que fazia quando criança, de ir aos lugares brincando de faz-de-conta.

Por que estava vendo tudo aquilo? Por que estava acessando aquelas memórias? Por que elas chegavam se nada fazia sentido?

Sonhava com meu pai me abraçando. Abraço bom. Dizia com espanto: mas você ainda está vivo! Ele apenas sorria e me envolvia num abraço como nunca.

Sonhava com minha mãe me levando por um terreno sombrio e pedregoso para mostrar algo que não era revelado. Não gostei do sonho enigma que ainda não podia ser decifrado.

Quantos sonhos enigmas tive ao longo de minha vida... Alguns levaram anos para ganhar um novo amanhecer.

Seguia me perguntando por que meu pai e minha mãe já haviam partido e logo essa tia ainda estava viva. Nessas horas de dúvida, a voz de meu pai ecoava lembrando o que me disse tantas vezes: eu vou, sua mãe vai, sua tia fica. Nunca entendi como meu pai podia dizer uma coisa dessas. Mas ainda não era tempo. Minha tia seguia entre nós. Era a única da geração mais velha da minha família que ainda não tinha partido. Logo ela.

Meu pai partiu aos 83 anos. Era filho único. Meu avô paterno morreu quando eu ainda era bebê. Tinha cinco meses. Minha avó paterna morreu aos 104 anos e virou dois séculos. Nasceu em 1898 e morreu em 2002. Sua ancestralidade guardava um mistério nunca desvendado. Era a doceira oficial da família. Aos 94, sua maior preocupação era pensar no que seria de sua vida quando chegasse a velhice. As mulheres de sua família e de sua geração viveram muito tempo. A que morreu mais jovem se foi aos 98 anos.

Minha mãe partiu aos 85 anos. Tinha duas irmãs: Nise, a caçula, e Maria Adilis, a mais velha, conhecida como Bimba. Nunca soube a origem desse apelido. Nise se casou com Bernardino e tiveram dois filhos. Bimba ficou solteira. Nunca a chamamos de tia Bimba. Ou era tia ou Bimba.

Não conheci minha avó materna. Curiosamente, ela também morreu quando eu tinha cinco meses. Minha mãe me levou para que ela me conhecesse antes de partir. Foi minha primeira viagem de avião, mas não tenho lembranças. Meu avô materno morreu quando eu tinha 19 anos. Quando recebi a notícia de sua morte, me despedi à distância, sentada à beira do mar.

Minha avó paterna não se casou mais após a morte do marido. Meu avô materno, sim. Eu amava quando ele e sua esposa vinham passar uma temporada no Rio de Janeiro. Amava suas brincadeiras, o jeito como cuidava dos netos e das netas. Achava graça da sua mania de colocar uma camiseta de malha por baixo das camisas de pano. Dizia que um peito aquecido não gripava. Em dias frios, sinto sua presença. Aqueço o peito e suas palavras me abraçam.

Gosto de lembrar o quanto minha mãe e minhas tias amavam o pai. Não lembro muito de falarem da mãe. Havia um mistério no ar. Um silêncio. Falas entrecortadas. Uma tristeza escondida que eu não conseguia entender.

Com a morte de minha avó materna e o casamento de meu avô, Bimba passou a morar com as irmãs. Em seu leito de morte, minha avó pediu à minha mãe que jurasse cuidar da irmã doentinha até o fim. Assim ela fez.

Mas minha mãe foi antes. Tia Nise também. Foi a primeira a partir. Bimba precisaria continuar sendo cuidada.

Dois sobrinhos moravam em Porto Alegre e, para lá, minha tia não quis voltar por nada. Também não quis morar na casa de meu irmão, nem na minha, nem na de minha irmã. Decidiu morar num lar de longa permanência para idosos. Escolha sua. Mas alguém precisaria ser responsável por ela e por tudo o que isso demandasse.

Foi assim que herdei uma tia para cuidar e acabei assumindo essa tarefa, na certeza de que minha mãe ficaria feliz.

FIOS

Estou construindo uma linha do tempo para separar os fios embolados no emaranhando do passado, para que conheçam um pouco da história pregressa. Para que entendam onde a vida de minha tia e a minha se cruzaram num caminho sem volta.

É preciso montar o grande quebra-cabeça de tudo o que antecedeu à narrativa de Bimba. Mas é preciso calma para não se perder nesse emaranhado. Eu mesma levei muito tempo para entender o que tinha acontecido.

Vamos devagar.

Puxo o fio do encontro entre meu pai e minha mãe. Um encontro marcado no tempo que possibilitou meu nascimento.

A família materna morava em Porto Alegre, no Rio Grande do Sul. Pouco antes do final da década de 1950, minha mãe era noiva em Porto Alegre. Estava fazendo o enxoval para o casamento quando veio ao Rio de Janeiro com seu pai, sua mãe e suas irmãs. Foram visitar uns primos que moravam numa casa de vila. Um dos primos convidou meu pai, que morava na casa em frente, para conhecer as três primas do sul, todas muito bonitas, mas só uma ele não podia olhar porque ela era noiva.

Minha mãe adorava contar que, quando entrou na sala, bastou olhar meu pai para esconder a aliança de noivado. Meu pai olhou para ela no mesmo instante. Literalmente, amor à primeira vista. Sabe aquelas coisas que achamos que só acontecem em comédias românticas? Pois é. Algumas vezes dão certo.

Posso não me casar com esse, mas com aquele não caso mais porque meu coração balançou, pensou.

O tempo que passou no Rio de Janeiro foi suficiente para começar a conhecer meu pai e ter certeza da escolha feita. Voltou para Porto Alegre e terminou o noivado.

É preciso lembrar que, em 1957, uma mulher terminar um noivado era um escândalo. O fato é que, entre as falas maldosas das primas gaúchas e o mal dizer da mãe do noivo, minha mãe veio para o Rio de Janeiro, se casou com meu pai e nunca mais voltou a morar no sul.

Pouquíssimas vezes passamos férias em Porto Alegre. Eu não entendia por que minha mãe não gostava de ir para lá. Mistério só desvendado anos mais tarde, já adulta.

Após sua morte, ao desmontar seu apartamento, encontrei uma caixa amarelada com algumas fotos e muitas cartas que ela escreveu para meu pai. E algumas de meu avô e tias. Levei muito tempo para ter coragem de ler.

Quando li puxei muitos fios desse emaranhado de vida. Fui ligando as pontas, tentando conhecer a história além da escrita. Além das fotos. Além da narrativa que eu conhecia até então.

O SEGREDO

Alguns anos antes de sua morte, minha mãe me chamou para uma conversa.

Minha filha, preciso contar uma história que prometi à minha mãe que não contaria a ninguém. Consegui guardar segredo por muitos anos, mas não estou aguentando mais ficar com essa história trancada em mim. Está me sufocando, me fazendo muito mal. Preciso dividir com você.

Levei um susto. Que segredo de família seria esse guardado por décadas?

Deixei minha mãe contar aquele segredo guardado desde a juventude. Ouvi tudo silenciosamente. Perplexa. Como ela conseguiu guardar uma história dessas por tantos anos? Desde o finalzinho da década de 1940. Como ela e as irmãs tinham conseguido viver com uma dor silenciada? Como meu avô e minha avó permitiram?

Nem meu pai sabia do acontecido. Apenas ela, as irmãs, meu avô e minha avó.

Só soube que a história teve desdobramentos ainda mais profundos e dolorosos quando descobri a cicatriz. A que costurou de vez o silêncio.

E pensar que passei anos achando a história da minha família a mais banal possível. Anos achando minha mãe frágil por ter largado sua vida no Rio Grande do Sul e vindo para o Rio de Janeiro se casar. Que engano...

Engraçado pensar que, muito antes de saber desse segredo, um dia pedi à minha mãe que ficasse com meu filho e minha filha. Queria ir a Porto Alegre para visitar minhas raízes gaúchas e resgatar laços nunca desatados.

Não fazia ideia da grande teia que o destino começava a tecer em mim. Do quanto estava sendo preparada para contar essa história.

Precisamos de tempo para estar preparadas para certas histórias, porque alguns fantasmas, algumas maldições, alguns medos, nos perseguem e nos assombram por décadas. É preciso nos preparar para ter coragem de cortar laços e vínculos que já não nos cabem. Só aí se inicia o processo de cura.

Não havia mais espaço para ressentimentos de nenhum dos envolvidos naquela trama familiar. Mas, para isso, o passado precisaria vir à tona, como veio.

Fio a fio sendo desembolado.